

A resistência feminina no conto “A guerra de Maria Raimunda”, de Maria Valéria Rezende

Nismária Alves David*

<http://orcid.org/0000-0001-5278-4888>

Jane Adriane Gandra**

<http://orcid.org/0000-0001-7400-1610>

Resumo: Este artigo discute a resistência feminina no sertão em “A guerra de Maria Raimunda”, de Maria Valéria Rezende. Sua composição permite reflexões sobre a questão do gênero por trazer a representação de uma protagonista mulher que ganha o status heroico de transformação do lugar onde vive. No regionalismo revisitado, por meio da força mágica da reza e do canto, há o direito à terra ao pequeno camponês e, desse modo simbólico, há uma visão crítica sobre a questão agrária no Brasil. Esta discussão fundamenta-se nas ideias de Simone Beauvoir, Pierre Bourdieu e Alfredo Bosi.

Palavras-chave: Maria Valéria Rezende. Personagem. Mulher. Resistência.

Feminine resistance in the short story “A guerra de Maria Raimunda”, by Maria Valéria Rezende

Abstract: This paper discusses feminine resistance in the backwoods in “A guerra de Maria Raimunda”, by Maria Valéria Rezende. Her composition allows for reflections on the issue of gender by bringing the representation of a feminine protagonist who gains the heroic status of transforming the place where she lives. In revisited regionalism, through the magical power of prayer and song, there is the right to land for small peasants. In this symbolic way, there is a critical view about the agrarian issue in Brazil. This discussion is based on the ideas of Simone Beauvoir, Pierre Bourdieu and Alfredo Bosi.

Keywords: Maria Valéria Rezende. Character. Woman. Resistance.

* Universidade Estadual de Goiás. Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG), no Curso de Letras da Unidade Universitária de Pires do Rio e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) do Campus Cora Coralina, integra a RedePoesia, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP/CNPq), o GT da ANPOLL Teoria do Texto Poético e o Gelco. E-mail: nisdavid@yahoo.com.br.

** Universidade Estadual de Goiás. Doutora em Letras pelo Programa de Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG), no Curso de Letras da Unidade Universitária de Posse integra o Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP/CNPq). E-mail: jane.gandra@ueg.br.



La resistencia femenina en el cuento “A guerra de Maria Raimunda”, de Maria Valéria Rezende

Resumen: Este artículo aborda la resistencia femenina en el sertão en “A guerra de Maria Raimunda”, de Maria Valéria Rezende. Su composición reflexiona sobre la cuestión de género al traer la representación de una protagonista femenina que adquiere el estatus heroico de transformar el lugar donde vive. En el regionalismo revisitado, a través del poder mágico de la oración y el canto, hay el derecho a la tierra de los pequeños campesinos. De esta forma simbólica, expone una mirada crítica sobre la cuestión agraria en Brasil. Esta discusión se basa en las ideas de Simone Beauvoir, Pierre Bourdieu y Alfredo Bosi.

Palabras-clave: Maria Valéria Rezende. Personaje. Mujer. Resistencia.

Introdução

No âmbito literário, muitas mulheres conquistam espaço como escritoras, representando o gênero feminino. A partir desse lugar de fala, podem problematizar a própria condição da mulher, tantas vezes estabelecida nas inúmeras práticas culturais de uma sociedade marcadamente patriarcal. Assim, têm a possibilidade de alcançar a emancipação feminina em substituição à repressão de gênero, bem como afirmar suas identidades. Na prosa brasileira, em especial, podem ser citadas algumas escritoras como Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, entre outras, cujas obras abordam, sobretudo, a condição feminina, e isso também é marcadamente observado na produção literária de Maria Valéria Rezende.

Em 2001, Rezende realizou sua primeira publicação, *Vasto Mundo*, onde se encontra o conto “A guerra de Maria Raimunda”, que é o objeto de análise a que se dedica o presente artigo. Já na maturidade, a referida escritora surgiu nas letras exercendo uma trajetória inusitada, conciliando o seu vocacional de freira com o exercício literário. Seu modo de narrar envolve o leitor, por meio de histórias cujos episódios são retirados do cotidiano e, ao mesmo tempo, oportunizam profunda reflexão sobre a densidade humana. Sua escrita percorre caminhos que levam ao regional, pelas diversas vezes que realça elementos do sertão. É também dona de uma prosa que se apresenta de modo

poético, pela maneira universalista com que projeta seus temas entremeados aos dramas de personagens singulares e, às vezes, enigmáticos.

Para tanto, Maria Valéria Rezende revisita o regionalismo em suas histórias, voltando sua atenção para as mulheres e os pobres do sertão, trazendo ecos da Teologia da Libertação – movimento latino-americano progressista, que analisa criticamente a realidade social e apoia os oprimidos em prol de seus direitos humanos. Nessa perspectiva, alguns motes são recorrentes na prosa da escritora, tais como memória, ditadura, educação popular, questão agrária, migração, entre outros.

O regionalismo revisitado e a resistência feminina

Na literatura brasileira, o regionalismo pretende revelar o Brasil desconhecido por muitos, diante da sua ampla extensão territorial e da diversidade de tipos e costumes regionais. Assim, o texto literário se propõe a construir uma ideia de nação, uma identidade comum a todo o povo. A esse respeito, Antonio Candido (2006) pontua que a ficção regionalista possibilitou à literatura brasileira a emancipação dos modelos estrangeiros e o estabelecimento da ideia de nacionalidade.

O regionalismo, de acordo com Lígia Chiappini (1995), corresponde a uma tendência literária na qual o ambiente, o tema e as personagens se identificam com certa região rural. Ao mesmo tempo em que se opõe aos costumes e valores urbanos, serve para aproximar o leitor da cidade ao homem pobre do campo, a fim de desvendar a humanidade de ambos. Como já disse Antonio Candido,

[...] o leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade (CANDIDO, 1972, p. 89-90).

Por meio de uma linguagem verossímil, Maria Valéria Rezende leva o leitor a conhecer outra realidade, marcada por sérios problemas sociais, como é o caso da

questão agrária referida no conto, numa representação realista, relacionando arte e sociedade.

Diferentemente do preconceito de parte da crítica literária em torno do regionalismo, que o vê como literatura menor e/ou vertente ultrapassada, Chiappini (1995) propõe a compreensão dessa estética como um fenômeno moderno e universal, visto que, desde o Romantismo, essa tendência se manifesta em diversas obras da Europa e das Américas. Por isso, o regionalismo não é estático, mas sim histórico, bem como pode ser entendido como político e cultural. Assim, é possível reconhecer a existência de vários regionalismos na literatura brasileira, que perduram até a atualidade.

Nessa mesma direção, Pelinser e Alves (2020) entendem que o regionalismo permanece na literatura brasileira contemporânea e segue se transformando, daí ser necessário surgirem mais pesquisas a esse respeito, sobretudo, em relação aos contrastes culturais. Isto porque

[...] a literatura brasileira contemporânea deve muito à tradição regionalista, sem que isso implique questionamentos de qualidade estética, e que cabe à crítica investigar os temas e as formas da narrativa como chaves de interpretação para problemas históricos que perduram (PELINSER; ALVES, 2020, p. 1).

Nesse sentido, a literatura continua cumprindo a tarefa de refletir sobre a sociedade e, conseqüentemente, revela a identidade do Brasil tão marcada por desigualdades estruturais. É o que se observa no enredo do conto “A guerra de Maria Raimunda”, ambientado no sertão nordestino, no qual se situam as ações e as personagens, expressando suas singularidades quanto à religiosidade e aos costumes locais. Se, por um lado, as personagens vivenciam o espaço histórico e geográfico da região, por outro lado,

[...] na obra regionalista, a região existe como regionalidade e esta é um resultado da determinação como região ou província de um espaço ao mesmo tempo vivido e subjetivo, a região rural internalizada à ficção, momento estrutural do texto literário, mais do que um espaço exterior a ele (CHIAPPINI, 1995, p. 158).

Com apoio em Chiappini (1995), é possível se perguntar: que função a regionalidade exerce neste conto de Maria Valéria Rezende? Como se nota, no enredo

em questão, a ideia colonialista de sertão como lugar sem lei, em que prevalece a ordem do mais forte sobre o mais fraco, tanto econômica quanto belicamente, depara-se com o enfrentamento e a resistência dos oprimidos. Essa constatação pode ser confirmada pelo seguinte excerto:

[...] Padre Franz tinha contado de umas brigas por causa de terra, de uma gente que não saía do roçado nem a pau e acabava ganhando de fazendeiro e de usineiro por causa de uma lei que havia nos papéis do governo e o povo pobre nem sabia (REZENDE, 2015, p. 27).

Desse modo, o sertão é o espaço do conflito de classes, personificado na oposição que se dá entre as figuras do latifundiário e do pequeno sitiante, o opressor e o oprimido, respectivamente.

Por meio da figura de Maria Raimunda, ganha lugar a personagem sertaneja e, por extensão, as mulheres, que historicamente são subjugadas a um regime patriarcal e autoritário. No entanto, em vez da subalternidade da mulher, o narrador opta por uma protagonista que se apresenta com autonomia e obstinação, retratando o perfil feminino tão almejado para a conquista dos direitos sociais:

Tem muita autoridade, Maria Raimunda, e não é só por causa da cinquenta e meia de terra que recebeu de herança, com escritura e tudo, de onde ninguém a tira e onde quem manda é ela. Isso é coisa de dentro dela mesma, que teve sempre e que cresceu muito mais depois que comandou a guerra em Farinhada (REZENDE, 2015, p. 26).

Maria Raimunda era respeitada não pela terra que possuía, mas sim por seu modo assertivo de ser e agir. Na sociedade, os discursos legitimados e impostos pelo universo masculino estabelecem uma imagem de submissão feminina. Comumente, as mulheres são consideradas apenas como seres frágeis, objetos sexualizados e dependentes emocional e economicamente da curatela masculina. Miridan Knox Falei (2004) assevera que, há pouco tempo, toda a educação da mulher era voltada para o casamento. E a moça deveria ter certas qualidades que envolvessem ter uma índole dócil e ser prendada para as tarefas do lar. Por exemplo, considerava-se um infortúnio passar da idade dos 25 anos sem se casar. Ao tratar da questão feminina, Simone de Beauvoir (1967) adverte que

[...] educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal [das mulheres] é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem;

o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. (BEAUVOIR, 1967, p. 7).

Na mesma direção, Pierre Bourdieu (2002) considera que a natureza biológica é uma construção social naturalizada; por isso, de forma simbólica, o simples fato de ser mulher já carrega a ideia de fragilidade. Essa concepção é vista como um atributo fundamental, pois, por vezes, a mãe que educa os filhos repassa toda uma ideologia retrógrada de padrões patriarcais. Por isso, não se pode negar que exista a reificação da mulher, visto que há uma pedagogia preconceituosa e estigmatizadora sendo repassada para meninos e meninas nas diferentes instituições sociais. Portanto, trata-se de uma educação secular voltada para a dominação masculina. Acerca disso, Rachel Soihet (2004) observa que, muitas vezes, elas são inferiorizadas e acabam sendo caracterizadas pela fantasia, desejo e paixão. Isso é tão evidente que, embora ocupem cargos e assumam profissões tradicionalmente masculinas, ainda é frequente receberem menos que um homem exercendo a mesma atividade. Entretanto, cada vez mais, existem mulheres autônomas, que não dependem da proteção masculina e auxílio financeiro de outrem, contrariando a hierarquia tradicional.

No entanto, no enredo do conto em foco, a protagonista Maria Raimunda exerce o papel de enfretamento, negando a submissão ao patriarcado. Apesar de ter um esposo, ela representa a autoridade em seu lar e tem o reconhecimento por parte dos moradores do local, denominado Farinhada:

Não tem dó nem de filho e marido: se Antônio Pedro chega em casa meio tocado de cachaça, ela nega a janta, passa o ferrolho na porta e larga o pobre a noite inteira no terreiro “que sereno e jejum é que é bom para bebedeira” (REZENDE, 2015, p. 26).

Assim, Maria Valéria Rezende constrói uma personagem central fora do padrão feminino social e historicamente imposto, como é o caso da mulher em relação ao matrimônio. A postura desencantada sobre a vida conjugal leva o leitor a cooperar com o desvendamento do perfil da protagonista, que pode ser compreendido pelo seguinte fragmento: “Contam que quando Antonio Pedro pediu para se casar com ela, a resposta veio chispando: ‘é jeito... mulher nasceu mesmo para sofrer’” (REZENDE, 2015, p. 26).

Quanto ao nome, “Maria Raimunda” remete à cultura local nordestina, de fundo religioso em devoção aos santos católicos. O que pode ser associado à virtude que ela expressa por meio da compaixão que sente pelos desvalidos.

Todo mundo tem um pouco de medo de Maria Raimunda e ela não tem medo de ninguém, só teme a Deus e o perigo de amolecer quando vê menino sem mãe, homem chorando, criança carregando enterro de anjinho, velho sem teto, mulher gestante com variz e fome, essas coisas. Prefere mesmo é ter raiva que dá coragem e força para resolver tudo o que aparece pela frente (REZENDE, 2015, p. 26).

Contudo, o seu embrutecimento advém da constatação de que todo aquele que se comove acaba sofrendo um prejuízo ou decepção. A série de situações dramáticas, que provocaria compaixão à maioria das pessoas, descortinando a humanidade de Maria Raimunda, não consegue apagar a ideia que o leitor faz de ela ser “[...] dura como pau de sucupira” (REZENDE, 2015, p. 26). Seu temperamento indelicado, ao invés de provocar repulsa, faz o contrário: atrai os moradores, que a admiram e lhe pedem conselhos e proteção.

Logo no início da trama, o narrador esclarece que a personagem central é analfabeta. No entanto, isso não desabona a sabedoria de vida que possui:

Maria Raimunda nunca precisou ler as letras nos papéis. Desde que abriu os olhos pretos neste mundo de meu Deus, leu tudo o que há no livro das coisas e das gentes, por dentro e por fora, até onde a vista alcança. (REZENDE, 2015, p. 26).

A protagonista faz a leitura de mundo e conhece a vulnerabilidade de seus adversários. De sua experiência, ela prefere se mostrar como brava, tornando-se afamada na localidade devido à memória coletiva que a vê como mulher-macho. Assim, há dois olhares: o de si mesma com sua rudez, e o do outro que a vê como destemida, conselheira e protetora. Sua autoridade advém de dois atributos: a imagem que é construída sobre ela, e a de ter liderado e vencido a guerra da Farinhada.

Em “A guerra de Maria Raimunda”, a representação do gênero masculino se desdobra em uma série de figuras patriarcais, que apresentam uma espécie de hierarquia entre si, problematizando a expressão do poder social exercido pelo homem:

O coronel é o principal elemento constituinte do sistema porque é em torno dele que se configura toda a relação de poder coronelista. O coronel compõe a

rede formada por ele, pelos outros coronéis rivais e aliados, os políticos da esfera estadual e federal e os subordinados, eleitores que compõem o séquito de “obedientes” (PINTO, 2017, p. 372).

Dessa maneira, o coronelismo pode estar vinculado a três fatores: a honra social, o prestígio e o domínio econômico e espacial dos latifúndios que possui.

O coronel não é o chefe de um clã, mas um líder político que maneja bem as relações entre os jogos de interesses dos seus vizinhos, sejam eles empregados, agregados, meeiros, ou apenas os moradores de uma cidade do interior, com os jogos políticos na esfera estadual e federal. Nesse sentido, os grupos subordinados ao coronel são parte ativa dessa dinâmica que exige deles fé no coronel na medida em que ele representa o poder e eles aceitam-no como o poder (PINTO, 2017, p. 373).

No entanto, quando o coronel é intransigente e violento, essa relação com o subordinado torna-se insustentável, com grandes chances de conflito. Liliane Pinto (2017) assevera que, “[...] nesse contexto, o medo das represálias é o que permeia o comportamento do subordinado que não entende o coronel como um amigo ou protetor” (PINTO, 2017, p. 374). Há muito dessa atmosfera de pavor no embate entre o coronel e os oprimidos no conto “A guerra de Maria Raimunda”. Era muito frequente a figura dos mandatários da Farinhada usurpar a terra de pessoas humildes. Inclusive, o narrador relata a banalidade do fato no seguinte episódio:

Porque o começo de tudo foi somente que Assis Tenório pegou aí um dinheiro do governo, telefonou de Brasília e mandou Adroaldo comprar mais uns garrotes, careceu de mais pasto e mandou dizer que Zuza Minervino e mais alguns outros desocupassem a terra do Sítio Velho em oito dias (REZENDE, 2015, p. 27).

Nesse excerto, evidencia-se a desigualdade entre pobres e ricos, bem como o acesso fácil ao dinheiro e ao poder por parte desses últimos. Em posições opostas, há: por um lado, Zuza Minervino, representando o pequeno produtor rural; e, de outro lado, Assis Tenório no papel de latifundiário.

Ganha destaque a questão agrária, impulsionada pelas figuras do padre Franz e do bispo que motivam o povo a desenvolver uma consciência política, a partir das histórias que relatavam sobre a partilha de terras. Há ainda a representação do direito agrário na figura de Maria Raimunda, que tinha a terra legalizada.

Na noite seguinte veio o advogado mandado pelo bispo; falando bem baixinho, na casa de padre Franz, explicou a Zuza, a Manoel Justino e a Isaiás que tinha lei, sim, que eles tinham direito, mas que a lei só vogava com a coragem de enfrentar, resistir, ficar na terra sem correr das ameaças. Falou de reforma agrária e de lei de desapropriação, de Incra e de posse de terra, tanta coisa, tão bem explicado que Zuza acreditou. (REZENDE, 2017, p. 27).

O narrador expressa a condição do produtor da agricultura familiar que sobrevive e alimenta a sua prole pelo uso da terra. A expulsão da pequena propriedade leva a um êxodo rural denunciado pela voz narrativa, que enumera as possíveis consequências de uma vida subumana na cidade. “Rua, favela e morrer de fome” (REZENDE, 2015, p. 27). Na trama, a disputa pela terra é algo inevitável, sendo colocada em cena pelos jagunços do coronel, que apontam suas armas contra os pequenos agricultores:

Daí para a frente foi luta: os capangas armados de espingarda doze cercando os sítios dos moradores, o advogado botando a questão na justiça, Adroaldo soltando o gado para comer os roçados, padre Franz chamando o povo para ajudar a tanger o gado para fora, os jagunços entrando nas casas do sítio e quebrando tudo o que havia dentro, o bispo dizendo no rádio que tudo aquilo era pecado contra Deus que estava do lado dos pobres, Assis Tenório voltando às pressas de Brasília, dizendo que o padre e o bispo eram comunistas, agitadores do povo, e os moradores do sítio resistindo, trabalhando só de mutirão, homem, mulher, menino e velho, sem deixar ninguém sozinho para apanhar do inimigo (REZENDE, 2015, p. 27-28).

Nesse trecho do conto, percebem-se traços da Teologia da Libertação no que se refere ao posicionamento solidário e consciente das personagens pobres, agindo em busca da sua libertação. Essa atitude coincide com os apontamentos de Michael Löwy (2016) sobre os pobres não serem vistos meramente como seres passivos do assistencialismo, mas, sobretudo, atores de sua própria emancipação. Ainda nesse fragmento, o narrador se serve do recurso cinematográfico para descrever uma sequência gradativa de atos praticados por diferentes sujeitos: a ameaça advinda dos capangas; a provocação da lei pelo advogado; o ato de vingança cometido por Adroaldo; a solidariedade do povo convocada pelo padre Franz; a consumação da violência por parte da jagunçada, causando desordem; a propagação de ideias feita pelo bispo por meio do rádio; as acusações de comunismo feitas por Assis Tenório aos representantes da Igreja e, por fim, a resistência do povo unido liderado por Maria Raimunda, lutando pelo direito à terra. Em outras palavras, a composição das cenas começou com a ameaça,

e terminou com a união popular. Nesse último caso, destaca-se a ideia de uma coletividade que possui interesses em comum e, por isso, homens, mulheres, velhos e crianças se agrupam, dando força uns aos outros contra o coronelismo. Nesse contexto predominantemente masculino, a liderança é exercida por uma mulher, que se coloca à frente desse processo de insurreição e resistência. Sobre a relação entre literatura e resistência, Alfredo Bosi (2002) escreve:

[...] resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir (BOSI, 2002, p. 118).

Pensando em Bosi (2002), pode-se salientar que Maria Raimunda resiste a seu modo, com autenticidade, pois, conhecedora das imposições coronelistas, não usa de violência, utiliza-se de uma estratégia impensada pelos seus opositores, a reza e o canto. A enumeração das ações da personagem central mostra o seu encorajamento e ainda confere mobilidade à narrativa:

[...] afastou a pena que vinha vindo e deixou crescer a raiva. Banhou-se, vestiu-se, agarrou num terço, saiu de casa e foi passando pelos sítios vizinhos, chamando as mulheres que estava na hora de rezar, e foram todas atrás dela, no sol de uma da tarde, hora mais estranha para rezar! porque é difícil resistir à autoridade de Maria Raimunda (REZENDE, 2015, p. 27).

Em procissão, as mulheres entoam um canto que lembra um movimento semelhante ao apresentado em “Sorôco, sua mãe, sua filha”, de Guimarães Rosa (2001). No conto rosiano, há a união das pessoas em apoio ao sofrimento de Sorôco, após a partida de sua mãe e de sua filha para o manicômio, ou seja, o coro torna-se um choro. Já em Maria Valéria Rezende, o canto de forma pacífica transmuta um conflito individual numa reivindicação coletiva, em que as mulheres do local se tornam solidárias, unidas em busca da justiça social.

Para Chiappini (1995), o espaço regional na ficção é também “portador de símbolos” e,

Desse modo, as ‘peculiaridades regionais’ alcançam uma existência que as transcende. Assim, espaço fechado e mundo, ao mesmo tempo objetivos e subjetivos, não necessitam perder sua amplitude simbólica (CHIAPPINI, 1995, p. 158).

Maria Valéria Rezende combina o regional com o universal para trazer o tema da resistência feminina no contexto do sertão. Por meio do simbólico, há a remissão à união e à solidariedade das mulheres, rompendo com a imagem de fragilidade mantida pelo patriarcado.

Na ficção de Rezende, a protagonista demonstra todo o seu poder, ela se solidariza com o sofrimento do povo do lugar, ao buscar a ajuda das mulheres, dizendo que era hora de rezar: “Maria Raimunda, que tinha ficado só espiando a confusão, que não tinha nada a ver com isso, segura lá no sítio dela que ninguém podia tomar, entrou na história” (REZENDE, 2015, p. 27). É claro que rezar – terço na mão, fé e determinação – constitui uma metáfora. A palavra “rezar” vem do latim *recitare* e tem o sentido de recitar orações. Parece que este ritual sagrado antecipa a conquista que iriam obter: a manutenção da terra de Zuza, por isso invocam a Deus por uma intercessão no conflito da Farinhada. A reza torna-se um canto, que é motivador para a luta, formando um grande coro de vozes uníssonas. Inevitavelmente, faz lembrar o coro da tragédia clássica, que, segundo Carlos Ceia (2009), corresponde a uma personagem coletiva que exerce várias funções, dentre elas:

[...] fornece conselhos, exprime opiniões, coloca questões, e por vezes toma parte ativa na ação. [...] Acresce ainda a função de elemento impulsionador da emoção dramática, conferindo movimento ao que está a ser representado e promovendo quebras de ação por forma a levar o público a refletir sobre o que se está a passar (CEIA, 2009, n.p).

Em marcha solene, a figura de Maria Raimunda realiza um ritual, unindo forças por onde passava. Como numa procissão, convida e agrega suas confreiras, que num movimento de união enfrentam aquela realidade usurpadora dos direitos à terra.

Quando chegou à esquina da praça, onde fica o xadrez, já tinha para mais de trinta mulheres atrás dela, querendo saber o que é que Maria Raimunda inventara de fazer. Pois ela plantou-se bem em frente à cadeia e puxou um bendito, com a voz mais forte que tinha, lá do fundo da garganta, nada daquele canto maneirinho que padre Franz queria ensinar. A cantoria cresceu na mesma hora, mais trinta vozes, mais cinquenta, mais duzentas, ecoou nos terreiros, na fila do chafariz e do posto de saúde, nos tanques de lavar roupa e nas cozinhas, subiu para a casa-grande da fazenda e acabou com a sesta de Assis Tenório, [...] e estrondou em João Pessoa, bem na praça principal, acordou os deputados que cochilavam no plenário, cobriu as sentenças dos juizes no fórum, feriu o ouvido do governador, espalhou-se por toda parte crescendo sempre com as vozes de

todas as mulheres que já sentiram uma injustiça nessa vida, não se calou quando a noite chegou nem quando o dia clareou e por aí continuou por mais de uma semana (REZENDE, 2015, p. 28).

As mulheres se organizam, investindo contra o sistema de dominação: o governo e o coronelismo. O canto ganha amplitude e ecoa por todo o lugar, desestabilizando a velha ordem e estabelecendo um novo arranjo. Dessa maneira, o sertão como lugar de luta de classes é envolvido pelo insólito no momento em que o som se alastra por toda parte.

O coro promove o canto da união, o canto como resistência, como direito à terra. Metaforicamente, o som que rompe barreiras também recupera a propriedade e, ao mesmo tempo, a dignidade do sertanejo.

Foi assim a guerra que Maria Raimunda ganhou quando as autoridades não aguentaram mais o tormento da insônia, mandaram soltar Zuza, apressaram o juiz, o Incra e sabe-se lá mais quanta coisa e veio uma comissão de Brasília obrigar Assis Tenório a entregar a terra, de papel passado, para quem nela vivia e plantava. (REZENDE, 2015, p. 28).

Assim, o termo “guerra”, contido no título do conto de Rezende, é ao mesmo tempo uma metáfora, que remete à resistência dos oprimidos, e uma ironia ao conflito armado, que não ocorreu. Esta narrativa exerce uma função política em que há o destaque para a força da palavra, sob o manto da crença e da religiosidade.

No enredo analisado, o canto é um ato revolucionário em que a mulher é o sujeito desta ação. O movimento feminino provocou nos adversários muito mais do que a ira pela insubordinação, causou incômodo, fadiga e insônia nos rivais. Desse modo, as vozes femininas ganham autoridade sobre o masculino. Isso é ilustrado quando os capangas de Assis Tenório não puderam atentar contra a vida de suas mães, que entoavam o canto com Maria Raimunda.

Desceram os homens de Assis Tenório, mas ninguém fez caso deles e mesmo aqueles brutos não puderam bater na própria mãe que lá cantava. Mandaram o batalhão da Polícia Militar de Itapagi, que veio vestido e armado para a guerra, cercou a praça, deu tiros para o alto, mas só conseguiu que a cantoria ribombasse ainda mais alto, encobrendo o tiroteio até que se acabasse a munição e os soldados, desmoralizados, mortos de fome e sede, aceitassem a água e o feijão que as mulheres lhes deram sem parar de cantar (REZENDE, 2015, p. 28).

Há mais lealdade para com aquelas que os nutria do que para com a mão opressora do coronel. Se a luta pela terra separa as mulheres das autoridades militares, o respeito e o alimento os agregam, afinal, o remorso dos filhos diante da benevolência materna determina a rendição deles.

O caos foi reorganizado por um cosmos em que prevalecem a paz e a justiça. Maria Raimunda assume um status de heroína e, por isso, seus atos são rememorados pela voz narrativa.

Então voltou o sossego a Farinhada, voltaram as mulheres para casa, o governador tirou uma semana de férias para dormir à vontade e Assis Tenório voltou danado para Brasília Quando Zuza chegou, puxando a cabra de raça por uma corda, para presentear e agradecer a Maria Raimunda, ouviu: “Deixe de besteira, seu Zuza, não careço para nada dessa cabra magra, fiz nada por você não, só me deu foi uma vontade danada de cantar” (REZENDE, 2015, p. 28).

Na citação, observa-se como a personagem Maria Raimunda é vista por outros e como vê a si mesma. Apesar de não querer levar as honras da conquista da paz, ela representa a voz da resistência que possibilita a criação de uma realidade mais justa. Ou seja, um outro modo de vida possível em que a terra deixa de ser um lugar de disputa e acolhe o mais oprimido. Assim, em lugar da violência, a resistência feminina se expressa na força da união por meio do canto, acenando para um combate com armas distintas daquelas tradicionalmente empunhadas em uma lógica patriarcal.

A protagonista revela uma consciência política ao romper com a esfera do privado para ganhar o espaço público. Na forma de representar a mulher no contexto do sertão, o texto de Rezende (2015) confere visibilidade sobre essa participação nos processos políticos, agindo em prol do direito do outro, que é injustiçado e mais fraco. A mulher deixa o espaço restrito da casa e sai para o mundo, em defesa daquele que não tinha voz. Enfim, ela é uma personagem feminina autônoma, sendo uma representante das mulheres que resistem, mesmo sob um regime patriarcal e autoritário.

Considerações finais

Maria Valéria Rezende (2015) revisita a vertente do regionalismo literário e escreve uma narrativa de resistência feminina, que leva a caminhos para o universal. Em todo o conto, a voz narrativa se apropria de elementos descritivos e psicológicos para figurar o comportamento da protagonista Maria Raimunda. Assim, o narrador deixa o leitor com a tarefa de entender com profundidade a personagem central da história.

Ao término da “guerra”, Maria Raimunda, que atrai a curiosidade e o respeito das pessoas do sertão, não busca reconhecimento, mas sim o sentimento de ter sido útil na vitória. O mais significativo foi ter auxiliado os outros, tornando-se mais sábia, sem se envaidecer. Ainda que o título indique a centralidade da protagonista, a sua figurativização no conto de Maria Valéria Rezende subverte a ideia clássica de herói, empenhado em conquistas individuais, pois a resistência feminina mobiliza o outro em prol de uma causa coletiva. Nesse sentido, vencer a questão não traz glória para quem lidera, mas sim para todos que participam da luta.

Este texto é uma amostra de como a literatura e a Teologia da Libertação abrem espaços para a reflexão da realidade dos pobres no enfrentamento de um contexto opressor. Maria Raimunda enfrenta as imposições das autoridades e as ameaças do coronelismo sem empregar a luta armada. Sua vitória é inusitada, pois ganha a guerra na Farinhada por meio da reza e do canto, os quais refletem a afirmação de uma identidade popular que é marcada pela religiosidade. A linguagem de Maria Valéria Rezende revela um modo simbólico de trazer uma visão crítica sobre a realidade que tanto oprime os desvalidos e, ao mesmo tempo, convoca para a necessidade da busca pelo direito à terra, valorizando o papel social da mulher nessa luta.

Como crítica social, Maria Valéria Rezende fala do Brasil ao escrever sobre o tema da questão agrária, um sério problema da nação. Aparece o regional como uma singularidade, apresentando o universo sertanejo por um viés em que a fé, a liderança e o estilo de combate femininos motivam a coragem e a resistência dos oprimidos. Há, portanto, um diálogo entre ficção e realidade, visto que as práticas opressoras ainda perduram no país. Em suma, Rezende não perde de vista o simbólico, ao recuperar as crenças populares, em específico, o valor da reza e do canto que se associa à identidade do sertanejo. No enredo, o caminhar dá forças para a resistência e a vitória sobre o

inimigo. Dessa forma, buscando a justiça e a dignidade do homem do campo, ela manifesta o universalismo em sua obra.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **Segundo Sexo**. A experiência vivida. Parte II. Tradução: Sérgio Millet. 2.ed. [S.l.]: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, São Paulo, p. 81-90, 1972. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/download/8635992/3701/>. Acesso em: 6 set. 2022.

CANDIDO, Antonio. **Educação pela noite e outros ensaios**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/coro>. Acesso em: 13 mar. 2022.

CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo literário. *In: Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 153-159. Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1989/1128>. Acesso em: 6 set. 2022.

FALEI, Knox Miridan. Mulheres no sertão nordestino. *In: DEL PRIORE, Mary (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). Histórias das mulheres*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.p. 202-231.

LÖWY, Michael. A Teologia da Libertação e o marxismo. *In: LÖWY, Michael. O que é cristianismo da libertação?* Religião e política na América Latina. 2. ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo: Expressão Popular, 2016. p. 121-140.

PELINSER, André Tessaro; ALVES, Márcio Miranda Alves. A permanência do Regionalismo na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 59, e593, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/Zh6d4tsH8prmNkxngKfDfHy/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 abr. 2023.

PINTO, Liliane Faria Correia. Uma análise historiográfica. **Locus** Revista de História, Juiz de Fora, v. 23, n. 2, 2017, p. 361-382. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20858>. Acesso em: 6 mar. 2022.

ROSA, João Guimarães. Sorôco, sua mãe, sua filha. In: **Primeiras estórias**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 62-66.

REZENDE, Maria Valéria. A guerra de Maria Raimunda. In: REZENDE, Maria Valéria. **Vasto Mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. p. 26-28.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). **Histórias das mulheres**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Recebido em 24/04/2023.

Aprovado em 24/07/2023.